
III Congresso Nordestino de Ciências da Religião e Teologia
Recife, 8 a 10 de setembro 2016
"Devoções religiosas e pluralismo cultural"
Anais

HABERMAS: SECULARES E RELIGIOSOS EM DIÁLOGO*

Írio Vieira Coutinho Abreu Gomes** – (UEPB)

Resumo

Nossa pesquisa objetiva abordar a viabilidade da contribuição mútua entre seculares e religiosos num mundo pós-secular a partir da obra *Fé e Saber* de Jürgen Habermas. Essa publicação comenta sobre duas visões de mundo que competem: de um lado as imagens naturalistas da realidade e do outro a revitalização das comunidades de fé em conjunto com sua politização em escala mundial. Em *Fé e Saber* Habermas inicia sua defesa de uma relação dialógica entre filosofia e religião. Mantendo-se fiel à sua tese de defesa do pensamento moderno como pós-metafísico e secular propõe questões ao secularismo enquanto visão de mundo diante da pluralidade de visões religiosas e metafísicas da realidade em sociedades carentes de uniformidade quanto a razões para permanecerem unidas. Seu ponto é a inclusão dos religiosos no debate em um mundo pós-secular, mas que permanece secular. A sociedade pós-secular desistiu do projeto de desligamento da religião da esfera pública seja pela insistência de sua permanência seja pelo reconhecimento de sua contribuição na esfera política e nas vidas das pessoas individualmente. Aqui se gesta um compromisso mútuo a ser assumido por crentes e não crentes para que se realize a "tradução cooperativa de conteúdos religiosos" defendida por Habermas. Crentes devem aceitar o pluralismo de ideias, as discussões científicas relativas ao saber mundano, os descrentes precisam despertar para uma situação de mundo pós-secular de adaptação cognitiva da herança semântica das tradições religiosas. Por fim, nosso trabalho é mais uma proposta de abertura de diálogo entre diferentes visões de realidade que visam o bem comum.

Palavras-chave: Sociedade laica. Religião. Diálogo.

Habermas: Seculares e Religiosos em diálogo

No ocidente a orientação para toda a vida outrora feita em conformidade com uma ideia de cosmos ou de revelação passa a ser na modernidade totalmente transformada. Antes as pessoas aderiam a alguma forma de vida exemplar que haveria de reger todas as outras e mesmo toda a ordem pública seja ela ética ou política. A reviravolta da modernidade está em que com ela as pessoas não têm mais os

* Trabalho apresentado no III Congresso Nordestino de Ciências da Religião, realizado entre os dias 08 e 10 de setembro de 2016 na UNICAP, PE.
** Professor doutor.

parâmetros de outrora e encontram-se com o dever de com suas próprias forças racionais elaborar o que seja o bom para elas e todo o grupo. Só a razão é o parâmetro para tanto, o que faz com que gradualmente a separação Igreja/Estado se realize.

Inicialmente entendida como a transferência compulsória dos bens da Igreja para o poder público secular, a palavra secularização ganha com a modernidade novos contornos que, contudo, continuam a se assemelhar com seu significado primeiro. Causas de ordem política e econômica estimularam a diminuição da influência da Igreja no poder mundano, mas a filosofia também deu sua contribuição quando da desqualificação epistêmica da linguagem religiosa como balizadora da vida prática em substituição por construções teóricas seculares. Essa virada moderna é entendida por Habermas conforme duas leituras.

> De acordo com a primeira leitura, modos de pensar e formas de vida religiosas são substituídos por equivalentes racionais, em todo caso superiores; de acordo com a outra leitura, as formas modernas de vida e pensamento são desacreditadas como bens furtados ilegitimamente (HABERMAS, 2013, p.05).

Habermas entende a secularização como esse processo de apropriação, transformação e/ou substituição desses modos religiosos por formas puramente racionais. A primeira interpretação defendida por secularistas entende a modernidade como um progresso onde se realiza um pretenso "esclarecimento" que nos livra das superstições ou obscuridades de nossa herança religiosa. A segunda, do lado religioso, sinaliza para uma modernidade desorientada que se apropria ilicitamente de conteúdos bíblicos revestindo-os com os vernizes do secularismo. Habermas discorda de ambas as leituras. Elas apenas acirram uma disputa que nos tem levado à confusão não buscando a inclusividade das diferenças e sem tomar para si essa tarefa. A filosofia tem de se conscientizar de seu papel civilizador que só pode ser exercido a partir de

um diálogo franco com as diversas comunidades existentes no Estado Liberal.

A obra *Fé e Saber* tem lugar de destaque no pensamento de Habermas. Essa publicação é feita após o 11 de setembro e comenta sobre duas visões de mundo que competem: de um lado as imagens naturalistas da realidade e do outro a revitalização das comunidades de fé em conjunto com sua politização em escala mundial. Nessa obra Habermas apresenta a expressão "pós-secular" que tem por consequência mudanças em sua teoria da modernidade. A sociedade pós-secular é essa que desistiu do projeto engendrado pelo Iluminismo de desbaratamento da religião ou desligamento da religião da esfera pública e enclausuramento na esfera meramente privada, seja pela insistência de permanência dela seja por reconhecimento de sua contribuição na esfera política e nas vidas das pessoas individualmente.

Aqui Habermas inicia sua defesa de uma relação dialógica entre filosofia e religião. Mantendo-se firme à sua tese de defesa do pensamento moderno como pós-metafísico e secular propõe questões ao secularismo enquanto visão de mundo diante da pluralidade de visões religiosas e metafísicas da realidade em sociedades carentes de uniformidade quanto a razões para permanecerem unidas. Não há em Habermas qualquer tentativa de resgate da religião como esfera de domínio social e seria temerário afirmar que temos uma exposição da necessidade da religião em nosso meio, mas antes, a constatação da urgência de reconhecimento do diferente que comigo convive isso implica na defesa do direito de voz aos religiosos. Assim, o comércio das diversificadas formas de argumentação entre os saberes religiosos e os secularizados vem a ser o *background* para o convívio em sociedades democráticas. Seu ponto é a inclusão dos religiosos no debate em um mundo pós-secular, mas que permanece secular.

A contribuição que o pensamento teológico pode dar a sociedade atual se gesta num compromisso mútuo a ser assumido por crentes e não crentes para que se realize a "tradução cooperativa de conteúdos religiosos" defendida por Habermas. Crentes devem aceitar o pluralismo de ideias, as discussões científicas relativas ao saber mundano, os descrentes precisam despertar para uma situação de mundo pós-secular de adaptação cognitiva da herança semântica das tradições religiosas. De acordo com o comentário do professor Luiz Bernardo Leite Araújo o projeto de Habermas:

> É uma opção metodológica cogente para um tipo de pensamento que, lidando com a força especial das tradições religiosas no trato de intuições morais profundas e na articulação daquilo que falta ou que se perdeu, não pretende despi-las de possíveis conteúdos racionais, nem desvalorizá-las como resíduos arcaicos de uma figura do espírito superada pelas ciências, mas ainda assim insiste nas diferenças cruciais entre a fé e o saber como modalidades essencialmente distintas do ter algo por verdadeiro. (ARAÚJO, 2013, p.XIX e XX).

Nessa vereda aberta por Habermas cabe reconhecer que o cristianismo historicamente tem ricas contribuições o que torna nossa civilização impensável sem as cidades de Atenas e Jerusalém. Aqui vemos um caminho que se abre na melhoria das relações entre religiosos e seculares. A tensão entre as partes é notória no capítulo da engenharia genética. Esse tema estava em voga quando eclodiu o 11 de setembro, também visto pelo autor como, mas não apenas isso, resultado do estresse entre religiosos e a sociedade secularizada. As grandes religiões estão aí há séculos, mas seu fundamentalismo é um fenômeno absolutamente recente. O que estaria motivando o crescente fundamentalismo religioso tanto no ocidente quanto no oriente? Mesmo que não se desloque para seu viés mais radical, o terrorismo, nota-se em nossos dias a presença cada vez maior de vozes religiosas que não apenas falam, mas muitas vezes gritam contra algumas posturas consideradas

muito razoáveis na sociedade secularizada. O terceiro milênio ensaia uma guerra entre culturas que só pode ser freada se repensarmos nosso caminho de secularização em escala mundial.

Critérios são apontados como necessários no Estado Liberal para chamar uma comunidade religiosa de razoável. Habermas coloca como tarefa aos religiosos que suas afirmações sejam traduzidas para uma linguagem secular acessível a todos. Essa tradução é algo que já houvera sido feita desde os tempos mitológicos e, segundo Habermas:

> No berço do cristianismo, esse processo foi continuado pelo trabalho sobre os conceitos por parte dos Padres da Igreja. No intercâmbio com a culta elite grega do Império Romano, esses teólogos insistiram em uma tradução impermeável às influências dos seus conteúdos de fé mais estimulantes na linguagem da metafísica (HABERMAS, 2012)

A importância da relação entre religião e filosofia não para por aí, mas na preparação do que viria a ser nosso Estado Democrático quando da gênese das ideias de igualdade entre os homens teve papel fundamental a religião enquanto legitimadora desse. Isso é notório em boa parte da filosofia moderna que se serviu de ideias originalmente religiosas, embora as tenha revestido com uma malha secular talvez com um intento de abafar suas origens.

Faz-se necessário, ainda, que os princípios constitucionais do Estado Liberal sejam aceitos de forma livre pelas comunidades religiosas. Isso implica uma assimilação, a partir da própria fé, desses princípios nessas comunidades. É o que fez a Igreja Católica no Concílio Vaticano II e várias comunidades protestantes. Por sua vez, as comunidades seculares majoritárias e o próprio Estado laico não podem impor um modo de vida exclusivo tirando das minorias uma liberdade que, no essencial, em nada interfere nos princípios constitucionais. Basta determinados temas entrarem na ordem do dia do debate público para que nos salte aos olhos

as gritantes diferenças de visões de realidade contidas na sociedade democraticamente formada. O Estado secular é neutro, não apenas do ponto de vista religioso, mas também no campo das visões de mundo.

Nessa disputa por espaço entre crentes e não crentes, Habermas encontra uma desigualdade produzida pelo Estado Liberal onde tal Estado exige mais dos crentes que dos não crentes: "são eles que têm de traduzir as suas convicções religiosas para uma linguagem secular antes de tentar, com seus argumentos, obter o consentimento das maiorias" (HABERMAS, 2013, p.15). O custo dessa posição é alto, pois exclui a religião do debate público (insatisfazendo religiosos) e priva essa mesma sociedade da criação de sentido para suas matérias que poderia ser fornecido pela religião. A proposta de Habermas é que o lado secular deve se mostrar "sensível para a força de articulação das linguagens religiosas" (HABERMAS, 2013, p.16). Para o filósofo:

> O senso comum democraticamente esclarecido não é algo singular, mas algo que descreve a constituição mental de uma esfera pública com muitas vozes. As maiorias seculares não devem chegar a conclusões, em questões desse tipo, antes de dar ouvidos à objeção dos oponentes que se sentem lesados em suas convicções religiosas; elas devem considerar essa rejeição como uma espécie de veto suspensivo e verificar o que podem aprender com isso. (HABERMAS, 2013, p.16)

No trecho citado acima Habermas parece conceder à religião o papel de ser uma espécie de consciência (no sentido cristão mesmo) do debate público. É como se parecesse estranho para o filósofo que seculares e religiosos tomassem posições tão antagônicas diante de determinados temas e que a sensibilização requerida mais acima para os seculares pudesse ser concretizada nessa parada para um aprofundamento da reflexão no momento em que os antagonismos parecessem rígidos demais.

O próprio Habermas aborda um exemplo de tradução de conteúdos religiosos sem a aniquilação desses. A razão profana não tem de abrir mão de sua individualidade e faz isso guardando distância da religião. Numa sociedade pós-secular, contudo, sua relação com a religião não pode ser mais a de uma marginalização dessa, nem de uma apropriação secularizante e reducionista de seus conteúdos, mas é uma razão aberta a suas perspectivas.

A reflexão habermasiana sobre a relação religião/ secularização se dá a partir dos desenvolvimentos das biociências. A possibilidade de intervenção e modificação genética em seres humanos em sendo efetivada geraria uma modificação de origem na pessoa que acarretaria consequências éticas desastrosas. As sociedades modernas se baseiam num igualitarismo intersubjetivo como condição de possibilidade para uma ética, em outras palavras, entendemos que somos, em alguma medida, iguais uns aos outros, e isso implica que regras iguais podem ser combinadas e seguidas por todos. Sem essa ideia de igualdade mingua a unidade em sociedades diversificadas quanto a credos, ideologias e posturas de vida. Intervenções genéticas descontroladas podem minar essas bases.

Evidentemente não se está a criticar terapias que busquem evitar doenças ou debilidades futuras, afinal, podemos entender que o embrião concordaria com tais intervenções (nenhum adulto reclamou de ter recebido vacinas quando criança, por exemplo), mas fala-se de intervenções ao gosto do interventor. Características físicas que a princípio nos eram dadas passam a ser escolhidas por alguém e isso afetaria aquela liberdade originária porque geraria uma ligação entre mim e o interventor num processo que antes se dava de maneira indeterminada. Segundo Knapp:

> Tais intervenções eugênicas com intenção manipuladora podem ter impactos significativos.

> Elas alteram, antes de tudo, a relação de um ser humano consigo mesmo: quem tem conhecimento da programação irreversível de seu próprio genoma, vê a si mesmo e sua vida como uma decisão disposta e planejada por outros (Knapp, 2011, p.182).

Habermas analisa a questão dos embriões humanos a partir da citação bíblica "Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus ele os criou". Independentemente da fé que tenhamos sabemos o que significa ser criado à imagem de algo. Amor e liberdade não podem existir sem que haja um outro para o exercício desses. Para Habermas "essa reciprocidade na figura humana, por seu turno, tem de ser livre para poder retribuir a doação de Deus" (HABERMAS, 2013, p.24). Nesse ponto está em questão a intuição religiosa da criabilidade. Para a tradição bíblica o homem é criatura de Deus, não podendo ser Deus, mas sempre possuindo semelhanças com ele. Deus é amor e faz o homem semelhante a ele, semelhante ao amor. Em sua semelhança ao amor o homem deve se dirigir ao outro para sua própria realização. Isso de maneira totalmente livre. Segundo Habermas:

> Desde o princípio, a voz de Deus que conclama à vida se comunica no interior de um universo moralmente sensível. É por isso que Deus pode "determinar" o homem no sentido de que ao mesmo tempo os capacita e os obriga à liberdade. (HABERMAS, 2013, p.25)

Ser criado por Deus torna o homem desde sempre diferente de Deus. Só Deus pode criar. Ser criatura de Deus garante ao homem a liberdade. O Deus que cria o homem não o cria segundo um projeto técnico ou regras que o determinam tal qual uma programação, mas garantindo sua total liberdade. Sem a diferença homem/Deus estabelecida no conceito de criação e a substituição de Deus pelo homem "entraria em cena uma dependência de tipo inteiramente não causal" (HABERMAS, 2013, p.25). Isso ocorre quando da interferência na combinação cromossómica. Não é possível combinar com a pessoa que será "criada" a

partir dali se ela quer ter essas ou aquelas características físicas. A combinação cromossômica que ocorre naturalmente gera humanos com dadas características físicas firmadas aleatoriamente. Em consequência, não há qualquer dependência ou diferença de minha constituição física em relação a de nenhuma outra pessoa. Não possuo, em minha gênese, nada que me vincule a ninguém, ninguém é responsável, de nenhuma maneira, por minhas características físicas e isso me desvincula de todos. A manipulação de meus genes por alguém poderia ser uma mácula na minha liberdade de ação com essa pessoa e mesmo com as outras.

Referências

ARAUJO, L. Apresentação à edição brasileira de Fé e Saber de Habermas. São Paulo: Editora UNESP, 2013.

HABERMAS, J. Fé e Saber. Tradução: Fernando Costa Mattos. São Paulo: Editora UNESP, 2013.

HABERMAS, J. Quanto de religioso o Estado Liberal tolera, 2012. Disponível em: http://www.ihu.unisinos.br/noticias/516105-quanto-de-religioso-o-estado-liberal-tolera-artigo-de-juergen-habermas/. Acesso em 22 de ago. 2016.

KNAPP, M. Fé e Saber em Jürgen Habermas – A Religião numa sociedade "Pós-Secular". Interações - Cultura e Comunidade. Uberlândia vol.06 n.10/ p.179- p.192/ jul./ dez. 2011. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/interacoes/article/viewFile/6208/5734/>. Acesso em 22 de ago. de 2016.

.